

**Memória como critério de qualidade no
jornalismo: apontamentos sobre instituição
e organização**



Memory as a standard of quality in
journalism: notes on institution and
organization

ALLYSSON VIANA MARTINS¹

RESUMO

Este trabalho perpassa por uma discussão acerca da institucionalização e da organização jornalística, antes de fincar a memória como elemento que atribui qualidade ao Jornalismo. Partimos da concepção de que um produto de qualidade deve atender às necessidades e às funções que lhe são imputadas, discutindo o que estaria no campo do ideal e como os constrangimentos operam na produção do conteúdo noticioso. Por meio de uma revisão bibliográfica e alguns exemplos, de uma perspectiva ou de outra, a memória parece uma preocupação constante, seja como característica de uma mídia ou com a sua aplicação e a sua função diluídas em expressões como ampliação, aprofundamento, *background* e contextualização.

PALAVRAS-CHAVE

Jornalismo. Memória. Qualidade. Instituição jornalística. Organização jornalística.

ABSTRACT

This paper permeates a discussion about journalistic institution and organization, before putting the memory as an element that attaches quality to journalism. We start from the idea that a quality product must to meet the needs and functions that are expected of it, discussing what would be the ideal and how the constraints operating in the production of news content. With a literature review and some examples, the memory seems a constant concern, as is characteristic of a media or with its application and its function in expressions such expansion, deepening, background and context.

KEYWORDS

Journalism. Memory. Quality. Journalistic institution. Journalistic organization.

Recebido em: 30/11/2013. Aceito em: 25/04/2014.

¹ Doutorando e mestre em Comunicação e Cultura Contemporâneas pela Universidade Federal da Bahia (UFBA). Bacharel em Comunicação Social - Habilitação em Jornalismo, pela Universidade Federal da Paraíba (UFPB). Professor na Faculdade Social da Bahia (FSBA) e, na qualidade de substituto, na Faculdade de Comunicação da UFBA. E-mail: allyssonviana@gmail.com. Lattes: <http://lattes.cnpq.br/4680709999113101>.

1 INTRODUÇÃO

De etimologia latina, qualidade vem de *qualitas*, tradução para a palavra grega *poiotēs*. *Qualitas* trata da distinção entre coisas, verificando quão bom ou ruim é um produto (ZILLER, 2011, p. 72). Na língua chinesa, o caractere utilizado para se referir à qualidade também é usado na definição do que é da “alta classe” (LIMA, 2010, p. 4). Em uma perspectiva prática, Guerra (2010c) afirma que a qualidade considera as melhores práticas e produções de uma organização e empresa. Seguindo as definições do Dicionário Michaelis, Marcos Palacios (2008, p. 92) observa ao menos cinco acepções para o termo qualidade, na qual a última – “acidente que modifica a substância, sem lhe alterar a essência” – se perfaz como ensejo para estudar a qualidade no Jornalismo. Nessa ótica, a memória poder ser um elemento de aferição de qualidade que não alterara a essência do Jornalismo, mas lhe atribui modificações.

122 |

Cumprе esclarecer que consideramos a memória uma referência ao passado no tempo presente – portanto, também dependente e orientado por este –, em outras palavras, uma consciência virtual do passado no tempo atual, uma tentativa de recordar algo que está ausente, mas também se constitui por esses silenciamentos e esquecimentos, conscientes ou não. Jacques Le Goff (2013) explica que a memória é uma propriedade para conservar informações que permite atualização das imprecisões e conhecimentos passados, ou representados como passados. Em outro momento, explica que é inútil acreditar em um passado deslocado ou independente do presente no qual é constituído. A memória pode ser entendida como essa capacidade de guardar (ou armazenar) dados e informações antigas, uma espécie de repositório; aqui, todavia, interessa-nos sua capacidade de lembrar (engendrada por esquecimentos) dos tempos idos que brotam no momento presente – o que Le Goff (2013) chama de reminiscências. Aqui, tratamos especificamente dos arquivos e documentos – *morgue* – jornalísticos, ou das suas memórias e reminiscências.

Os primeiros pensamentos estruturados sobre a qualidade de um produto estão associados à Revolução Industrial, que exigia padronização e produção em larga escala. Os produtos deviam ser parecidos e possuir um nível

mínimo de qualidade entre eles. Palacios (2008, p. 91) acredita que a preocupação em torno da qualidade da informação remonta, na verdade, a meados da Segunda Guerra Mundial. Ainda assim, até hoje não existe uma caixa de conhecimentos fechada para a discussão. De acordo com Guerra (2010b), os modelos para a gestão de qualidade geralmente são estruturados em dois níveis: num primeiro momento estão os princípios e os fundamentos, num segundo os requisitos e os critérios. A partir dessa estrutura, construímos esse artigo e nossa argumentação. Embora existam iniciativas para se medir e garantir a qualidade, como manuais, ferramentas e aplicativos específicos, organização empresarial e divisão do trabalho, ainda não encontramos no jornalismo uma cultura de mensuração de qualidade. As ferramentas, os critérios e as metodologias corretas para análise da qualidade noticiosa dos meios de comunicação estão sempre em discussão.

Após identificar que a memória parece uma preocupação constante, seja como característica de uma mídia ou com a sua aplicação e a sua função diluídas em expressões como 'ampliação', 'aprofundamento', '*background*' e 'contextualização', apostamos na memória como elemento que atribui qualidade ao Jornalismo, embora não seja o único. O estudo partiu da concepção de que um produto de qualidade deve atender às necessidades e às funções que lhe são imputadas, discutindo o que seria o ideal e como os constrangimentos operam na sua feitura, perpassando pelo debate acerca da institucionalização, da organização jornalística e dos critérios de análise de um Jornalismo qualificado.

2 ENTRE O DEVER E O SER: A FUNÇÃO SOCIAL DO JORNALISMO

Para tratar da qualidade jornalística, deve-se ter mente qual o papel do jornalismo na sociedade, de que forma a profissão é institucionalizada. Como muitas das funções aparecem como um ideal da atividade, observamos uma (as)simetria entre a instituição ('dever') e a organização ('ser'). O 'dever-ser' não pode ser encarado como algo inalcançável, externo à atividade jornalística, uma utopia acima do real. Conforme explica Benedeti (2009, p. 118), "não é só de ideal, mas de experiências reais que se constrói a convicção de que a prática de

Memória como critério de qualidade no jornalismo:

apontamentos sobre instituição e organização

um jornalismo de qualidade é exequível.” Embora haja um norte que guie os profissionais da imprensa – o modelo de jornalismo praticado e realizado no qual não se importam as circunstâncias em que ele é produzido –, não se pode avaliar a prática jornalística sem considerar as situações reais, com todos os seus rituais, hábitos e constrangimentos, isto é, sem salientar o *ethos* jornalístico existente em toda a produção noticiosa. Nas palavras de Lia Seixas (2009, p. 73), “é no nível das organizações que podemos compreender as responsabilidades e competências exigidas.”

A profissão de jornalista se institucionaliza em consonância com o movimento civilizatório da Europa do século XVII, que se torna paradigmático nas sociedades ocidentais do século XIX. Conhecido como Iluminismo, esse período marca a formação base da atividade jornalística, transformando a liberdade de expressão num direito inalienável. Carlos Franciscato (2003) explica que a Inglaterra e os Estados Unidos ajudaram a desenvolver esse modelo de jornalismo moderno. A partir daí, entendemos por que Schudson (2007) afirma que o jornalismo parece essencial à democracia graças à autopromoção dos jornalistas de que seu trabalho era vital para a sociedade, considerando a liberdade de expressão primordial para as democracias liberais.

A institucionalização e consolidação da prática e dos valores jornalísticos, juntamente com a interação e o reconhecimento, apareceram nos séculos XIX e XX. Mas essa reverberação só ocorreu porque, nos séculos XVII e XVIII, novos hábitos sociais foram institucionalizados com o nascimento da imprensa periódica, como a leitura de livros e de jornais. A recepção se dava através de um ato isolado de leitura e os leitores dos jornais formavam grupos, mesmo que não reunidos, portanto, virtuais. O século XIX propiciou o surgimento do jornalismo (moderno), contudo, é importante ter ciência de que o papel chegou ao Ocidente no século XII, a imprensa em 1450 e os primeiros jornais (não eram diários ainda) já eram veiculados desde o século XVI.

A pesquisadora Carina Benedeti (2009) propõe que a constituição do jornalismo no ocidente apresenta questões contraditórias, como: ser uma atividade de interesse público, mas de propriedade privada (lida com público – cidadão – ou com audiência – cliente?); ter de atingir a coletividade, mas se focar em uma audiência específica (trabalhar com interesse público ou do

público? O primeiro seria um critério de qualidade da informação jornalística); interpretar os fatos do mundo e pretender a objetividade (por mais que pareça imparcial e neutro, o discurso jornalístico é sempre uma elaboração intelectual não espontânea); trabalhar sob a pressão temporal e almejar precisão. Na verdade, o jornalismo não precisa apagar os interesses por trás da produção noticiosa, mas assegurar a relevância do interesse público em detrimento dessas forças.

Na percepção de Josenildo Guerra (2010b), o Jornalismo possui três funções fundamentais nas sociedades democráticas: *watchdogs*, *agendasetters*, e *gatekeepers*. *Watchdogs* se aproximaria da noção de quarto poder, com os meios de comunicação sendo vigilantes dos poderes executivo, legislativo e judiciário; a função de *agendasetters* se refere à atribuição de uma agenda informando sobre o que se deve falar, ou seja, quais são os temas de relevância pública; por fim, o papel de *gatekeepers*, definido pelo autor como uma pluralidade de perspectivas expostas sobre um tema. Em contrapartida, Michael Schudson (2007) acredita que, nas democracias atuais, o jornalismo adquire seis funções primordiais: informação (uma função educacional), investigação (funciona como *watchdog* e instigador do interesse da audiência), análise (que articula todo o *'background'* possível), empatia social (sensibiliza os leitores), fórum público (agendamento da interação e emissão por parte da audiência) e mobilização (convencimento).

Algumas dessas funções, todavia, não são facilmente perceptíveis como próprias do papel social do jornalismo, como empatia social, que mais parece uma estratégia para atrair e manter audiência do que um ofício. Outros aspectos de cada ponto também poderiam ser problematizados, como a mobilização: é dever da mídia procurar um diálogo ou convencer com uma visão e ideologia? Como a mídia pode ser quarto poder se é uma instituição comercial com fins lucrativos, diferente da constituição dos poderes em nosso país, no qual os representantes são escolhidos por eleição ou concurso públicos?

Esse processo de institucionalização jornalística ganhou notoriedade em sociedades democráticas por proporcionar um espaço para se debater questões de interesse público e social e por produzir informações diversas de mesma

Memória como critério de qualidade no jornalismo:

apontamentos sobre instituição e organização

finalidade. A função do jornalismo e a sua institucionalização em democracias circundam as necessidades de 'informar' e de servir como 'fórum' para assuntos de interesse público, ainda que possamos observar outros papéis. A instituição é composta por profissionais capacitados para a produção de um conjunto de saberes característicos de sua profissão. Entretanto, é formada ainda pela audiência e pela sociedade, não apenas pelos produtores da informação, a instância de produção.

O pesquisador Josenildo Guerra (2005) faz uma distinção entre instituição e organização jornalística, afirmando que os termos dão conta de diferentes aspectos do jornalismo e que declarações feitas sobre a instituição não podem possuir correlação direta com a organização, sendo o inverso também verdade. A primeira compreende as normas que definem a maneira como 'deve ser' o jornalismo de qualidade, enquanto na organização se detém às regras que determinam o modo como 'se faz' o bom jornalismo. Na instituição, estariam os princípios e a função social da atividade jornalística, isto é, seus conceitos e princípios. A organização é uma forma de manifestar as normas e regras da instituição, ou seja, sua manifestação concreta, sua aplicação na realidade e seu experimento. A organização se refere às pessoas e aos meios que põem na prática o conceito, a ideologia e a função impregnados na institucionalização. O que é de reconhecimento social como papel do jornalismo não é necessariamente igual ao que efetivamente é produzido na organização, ou seja, "a primeira é da dimensão normativa, enquanto a segunda é de ordem empírica." (SEIXAS, 2009, p. 73). Dedicar-se às instituições jornalísticas significa entender a proliferação de grandes (conglomerados de mídias) e as pequenas organizações, perceber que cada organização é livre para absorver as regras e as normas ao seu modo.

Se a institucionalização prega os preceitos para um jornalismo qualificado, a organização se encarrega do gerenciamento dessa qualidade, através do desempenho dos profissionais da imprensa. Nesse processo, devem ser consideradas as especificidades do produto até a formação do jornalista, além do ambiente organizacional e da preparação do profissional para empregar suas capacidades nos constrangimentos corporativos. Nas experiências das organizações, isto é, no âmbito dos negócios jornalísticos, as

empresas procuram demonstrar o compromisso que possuem com o público através da (suposta) qualidade de seu produto. Haveria, na concepção de Guerra (2005), uma “doutrina da responsabilidade social”, que faria o jornalismo vender-se como “serviço público”, cujo reconhecimento, credibilidade e compromisso não permitiriam que o interesse social fosse colocado em segundo plano, devido a instâncias econômicas e políticas.

Para alcançar essa qualidade, o profissional deve-se valer de algumas técnicas e métodos na construção da notícia e interpretação da realidade. Quanto melhor e maior o manejo delas, mais o produto ficará próximo do desejável. Segundo Josenildo Guerra (2005), essas técnicas são três: cognitiva, de conduta e de produção. A técnica cognitiva tem a ver com a capacidade de interpretar a realidade, isto é, a habilidade de entender os fatos e acontecimentos para além da aparência, conseguindo relacionar com outras instâncias e ‘contextos’. A técnica de conduta condiz com as atitudes requeridas dos jornalistas no instante de sua produção, e é de três ordens: administrativa – direitos e deveres entre contratante e contratado; ética – respeito aos envolvidos; e metodológica – postura durante a investigação. A última técnica, de produção, é a realização do produto aplicando as técnicas predecessoras.

A organização, por outro lado, seria composta por três núcleos: administrativo, operacional e técnico. O último se refere à constituição da atividade jornalística como profissional, ou seja, as técnicas e os métodos empregados no momento do fazer noticioso. O núcleo administrativo se dedica à gestão das ‘atividades-meio’ que dão suporte à ‘atividade-fim’, onde se definem a linha editorial do veículo e a sua rotina de produção, aspectos que delimitam um padrão de trabalho na organização. Por fim, o núcleo operacional possui relação com a tecnologia, compreendendo todas as suas características, potencialidades e constrangimentos, como os equipamentos e o padrão do produto.

3 CRITÉRIOS PARA UM JORNALISMO QUALIFICADO

Josenildo Guerra (2010b) enxerga três caminhos de estudo para a análise da qualidade noticiosa: como especificidade da organização e do produto; como serviço público; e como investimento. Acredita ainda que para avaliar se

Memória como critério de qualidade no jornalismo:

apontamentos sobre instituição e organização

um jornalismo é qualificado dois aspectos podem ficar em destaque: um genérico – relativo ao contexto das empresas –, outro específico, concernente aos resultados dessas organizações. Todas as instâncias do processo comunicativo devem ser consideradas nessa análise, desde o jornalista e sua função na organização até a relação com os anunciantes e os leitores. Carina Benedeti (2009) faz alusão a dois tipos de qualidade: uma intrínseca ao fato – revelando uma qualidade de categoria –, outra que se relaciona ao produto jornalístico – ao fazer e ao resultado da atividade profissional. Na concepção de Gislene Silva (2005), os valores-notícia devem ser utilizados como critérios de qualidade no território do acontecimento, mas sem ignorar a presença e a interferência do sujeito-jornalista. Em outras palavras, os valores-notícia ajudariam a identificar a qualidade intrínseca ao fenômeno noticiado, sem deixar de nortear-se pelo que Charaudeau (2006) denomina de “instância de produção”, ou seja, todos os agentes envolvidos na produção do material jornalístico.

128 |

O jornalismo se estrutura, na visão de Guerra (2005), a partir da busca de dois aspectos: verdade e relevância. Verdade no momento da apresentação da notícia à audiência, o que torna a distorção e a invenção contrárias à práxis jornalística. E relevância na preparação e na seleção do que deve ser noticiado, tendo em vista que não há espaço ou tempo suficiente para que tudo seja divulgado, e nem tudo deve ser relevante – conforme pode ser observado através da criação dos critérios de noticiabilidade e valores-notícia acima mencionados. Verdade e relevância seriam parâmetros para análise de qualidade do jornalismo porque atendem às necessidades tanto da instituição quanto da organização (GUERRA, 2010a; 2010b). Uma notícia verdadeira e relevante não é de interesse apenas do veículo, mas também uma exigência básica da audiência, graças ao contrato estabelecido (CHARAUDEAU, 2006). A verdade é um critério rígido que mede o desempenho dos jornalistas no processo de mediação do real, enquanto a relevância é uma medida relativa, que considera as expectativas e características do receptor da informação. A organização representa o domínio e a aplicação das capacidades eficientes para a produção desse jornalismo de qualidade.

Josenildo Guerra (2010c) adiciona pluralidade aos dois critérios de qualidade jornalística supracitados, mesmo que não problematize a noção, como a sua utilização e o seu efeito de sentido dentro de uma produção noticiosa. A pluralidade traz uma necessidade das sociedades democráticas atuais: a ampliação dos discursos, a abertura para a diversidade de opiniões, possibilitando a garantia do contraditório. Adelmo Genro Filho (1987), por outro lado, preocupa-se mais com a linguagem e a escrita jornalística, esclarecendo que ela deve ser pertinente ao registro formal e também ao coloquial, trazendo o 'máximo de informações' possíveis acerca do fato ou acontecimento, por meio de uma escrita concisa, clara e precisa. Esse estilo esbarra no que Guerra (2005) chama de "princípios do jornalismo americano", alicerçado nos ideais de objetividade (verdade), neutralidade e imparcialidade (independência).

Adelmo Genro Filho (1987) critica a ingenuidade de pesquisadores que avisam que o jornalista não deve mentir, inventar, distorcer ou caluniar, pois seria o mesmo que pedir aos cidadãos que fossem honestos. No âmbito do jornalismo, o problema residiria num consenso sobre o que é verdade, o que deve realmente ser noticiado (quais são os temas importantes para entrar na agenda da mídia e pública) e sob qual perspectiva essa informação deve ser construída. Aqui, percebemos a relação entre verdade, relevância e pluralidade e mentira, invenção, distorção e calúnia.

Para atingir a verdade, a relevância e a pluralidade necessárias para a feitura de um jornalismo qualificado, Guerra (2010a; 2010b) desenvolve sete aspectos importantes a serem considerados em relação ao 'compromisso assumido': condições ambientais da organização; afirmação de valores democráticos; perseguir as melhores práticas; necessidades e expectativas da sociedade e do público; linha editorial clara e precisa; especificações dos processos e dos produtos; e mecanismos gerenciais. Em relação ao 'processo de produção', quatro pontos são mencionados: níveis de eficiência e eficácia; ferramentas adequadas e ajustadas; procedimentos compatíveis com as especificações; profissionais preparados. Por fim, em relação 'ao produto', existem dois requisitos: materiais e de conteúdo.

Memória como critério de qualidade no jornalismo:

apontamentos sobre instituição e organização

Após a fase de acomodação, tivemos a legitimação, a profissionalização e a regulamentação do jornalismo, nas quais surgiram alguns princípios considerados básicos, como: independência, imparcialidade e objetividade. Além dos conhecimentos técnicos, começou-se a exigir dos profissionais saberes específicos, de caráter deontológico e cognitivo, desenvolvendo-se, então, um *ethos* jornalístico, que reflete a interação entre jornalistas, organizações e sociedade através das informações produzidas. A análise de qualidade do jornalismo perpassa pela visão do papel e da função social que a atividade possui na sociedade na qual está inserida. Em nosso caso, uma sociedade democrática e ocidental, os princípios e as concepções que regem a qualidade jornalística são: verdade, liberdade, pluralidade, interesse público e cidadania (BENEDITI, 2009).

As técnicas atuais de escrita jornalística foram cridas pelo jornalismo moderno sob uma utopia de objetividade, neutralidade e imparcialidade, por meio das concepções iluministas, pois o pensamento rege os pressupostos do liberalismo econômico e político, que constituíam as sociedades ocidentais, berço do jornalismo. “O jornalismo vai, portanto, orientar-se conforme as diretrizes desse modelo de sociedade, democrático e capitalista.” (GUERRA, 2003, p. 11-12). O iluminismo dominou todo o século XVIII superestimando a razão, que poderia ser compartilhada em todo lugar e por qualquer pessoa, na qual todos diferenciariam o que é verdadeiro e falso, correto e incorreto. “A objetividade tornava-se assim uma grande meta entre os profissionais, inspirados inclusive pelos ideais de verdade também buscados pela ciência.” (GUERRA, 2003, p. 11).

Alguns autores não acreditam na possibilidade de se discutir qualidade nas organizações jornalísticas sem considerar o público e seus interesses. Carina Benedeti (2009) salienta a cidadania como critério para medir a qualidade jornalística, enquanto Guerra (2010b) ressalta duas dimensões das expectativas que os receptores adquirem: uma privada, que considera as preferências e os gostos de pequenos grupos e de poucos indivíduos; e outra pública, que relaciona a condição de cidadãos desses grupos e indivíduos numa sociedade democrática, ou seja, considera questões mais amplas e de interesse social. Consuelo Joncew (2005) vê na busca do usuário, nas suas necessidades, um

fator importante para se medir e avaliar a qualidade. Joana Ziller (2011) também vai por esse caminho quando aponta que a satisfação dos usuários é um dos atributos para se medir a qualidade da informação. Dessa forma, o estudo da qualidade pressuporia, como premissa básica, atender as necessidades da sociedade ou do grupo de indivíduos que consomem seu material. Luiz Cerqueira (2010) faz questão de lembrar que, apesar de algumas empresas jornalísticas se dedicarem ao entretenimento, suas principais obrigações são as de ordem pública. Se Cremilda Medina (1988) defende que a notícia é um produto à venda, Genro Filho (1987) afirma que não se trata de qualquer produto, mas de um que deve possuir interesse público e possui responsabilidades sociais.

Adelmo Genro Filho (1987) diz que o jornalismo apreende a realidade através de três categorias: singular, particular e universal. O primeiro seria o específico e superficial; o caráter particular, por sua vez, refere-se ao contextual e conjuntural; por fim, o universal trata da 'profundidade' e da qualidade de verdadeiro. Ouvimos, não com pouca frequência, a crença popular de que o jornalismo não cria laços e relações do fenômeno e do fato noticiado com aspectos mais 'profundos' da sociedade, isto é, que se detém apenas ao efêmero, ao que a notícia tem de particular. Para Genro Filho (1987, p. 183, grifos nossos), afirmar que o jornalismo não relaciona as informações é um erro, pois "qualquer forma de conhecimento ou expressão conceitual da realidade, desde a mais elementar percepção humana, se dá em bases relacionais. O que varia é somente o grau de *amplitude* e *profundidade* dos relacionamentos percebidos e comunicados." Ainda assim, o jornalismo é um modo de conhecimento baseado no singular. Embora seja próprio da singularidade, a universalidade e a particularidade não têm como ser desvinculadas da informação jornalística. Deve-se ter em mente é que, ainda que o singular, o particular e o universal estejam em qualquer matéria, é a ênfase em um ou em outro que vai conceder um grau qualitativo maior ao produto.

Para o pesquisador Renato Lima (2010), há alguns critérios considerados como sustentáculos do bom jornalismo, entre eles: objetividade, imparcialidade, apuração, transparência, credibilidade, isenção, verdade, polifonia e investigação. Luiz Cerqueira (2010), em estudo empírico com jornalistas,

Memória como critério de qualidade no jornalismo:

apontamentos sobre instituição e organização

percebe que eles pensam na qualidade quando interligada a critérios como: apuração, correção gramatical, precisão, independência, ética, responsabilidade social e atender a demanda do público. Já o português Jorge Pedro Sousa (2001) realiza sua pesquisa com o intento de avaliar a qualidade em webjornais. Para tal análise, conteúdo (adaptação à internet), design (ergonomia – adaptação ao usuário) e navegação (interatividade com o jornal) são alguns dos critérios fundamentais levados em consideração. Na primeira, entre 13 tópicos, um deles se refere à informação de *'background'*.

Na qualidade da informação, sob a ótica da Ciência da Informação, Ziller (2011, p. 1) percebe que quatro critérios são recorrentes: “relevância, atualidade, exatidão e completude”, visando “acompanhar o desenvolvimento e o aproveitamento dos recursos específicos da Internet.” Ziller e Moura (2010) apontam que o problema de se trabalhar com qualidade nessa área é que as pesquisas são extremamente quantitativas. Ziller (2011) prefere partir de três grandes grupos de qualidade: intrínseca (apresentação da informação, implicando o suporte), *'contextual'* (contexto no qual a informação é utilizada) e reputacional (origem e posição da informação). Contudo, uma dimensão perpassa a outra, elas não são estanques.

132 |

4 RECORRENDO AO PASSADO PARA QUALIFICAR O PRESENTE

Autores como Benedeti (2009), Genro Filho (1987), Guerra (2010b), Schudson (2007), Sousa (2001) e Ziller (2011), além dos ainda não citados Suzana Barbosa (2008, 2009), Rogério Christofolletti (2010) e António Fidalgo (2004), não trabalham necessariamente com a memória, enquanto característica e critério para um jornalismo qualificado; contudo, tratam de alguns tópicos e expressões – *'ampliar'*, *'aprofundar'*, *'background'* e *'contextualizar'* – que concernem a essa característica e o denominam como se ele trouxesse qualidade ao produto. A memória é entendida como uma consciência virtual do passado no tempo presente, na atualidade. Na web, a memória é um elemento não apenas com novas especificidades em relação aos meios anteriores, mas necessário ao que Marcos Palacios (2008, p. 93, grifo do autor) referencia como

“quadro de atributos a serem examinados, em qualquer tentativa de se estabelecer padrões e *rankings* de qualidade para as publicações online”, isto é, um critério para aferir qualidade.

O pesquisador Rogério Christofolleti (2010, p. 133) afirma que “quanto mais informações temos à disposição, mais condições temos para compreender o fenômeno descrito”, ou seja, o leitor poderá ter uma visão mais ‘ampliada’ de determinado fenômeno, pois a quantidade de informação possibilitará maior leitura daquele caso específico – aqui, entrando questões como polifonia e verdade. Como defende Guerra (2010b), os meios de comunicação devem atuar informando os cidadãos de maneira mais ‘contextualizada’. Perspectiva semelhante a dos autores brasileiros, possui o português Alberto Sá (2011), para quem, quanto mais ‘contextualização’ possível, mais relevante se torna a temática noticiada e mais se fornece opções para que os leitores se interessem, além de contribuir na promoção e na fundamentação de um debate possivelmente polissêmico – ver Figura 1.

FIGURA 1 – REPORTAGEM DO *ZERO HORA* COM DADOS ANTIGOS E IMAGEM DE OUTRA EDIÇÃO



Fonte: BUBLITZ, Juliana. Uma lição de Feliz para o Brasil. *Zero Hora*, Porto Alegre, 4 jun. 2011.

A preocupação em oferecer maior ‘contextualização’, mais informações, é uma constante para quem estuda jornalismo, conforme já observado. A professora e pesquisadora Suzana Barbosa (2008, p. 14) deixa transparecer essa visão quando reflete sobre algumas possibilidades do que denomina jornalismo

Memória como critério de qualidade no jornalismo: apontamentos sobre instituição e organização

convergente, que “ocorrem no sentido de oferecer conteúdo diversificado, mais ‘contextualizado’ e, sobretudo, para agregação de material multimídia produzido pelos coirmãos de matriz audiovisual” – ver Figura 2.

FIGURA 2 – ESPECIAL MULTIMÍDIA SOBRE OS 50 ANOS DO GOLPE MILITAR NA *FOLHA DE S.PAULO*



Fonte: TUDO sobre a Ditadura Militar. **Folha de S. Paulo**, São Paulo, 23 mar. 2014. Disponível em: <<http://arte.folha.uol.com.br/especiais/2014/03/23/o-golpe-e-a-ditadura-militar>>. Acesso em: 15 abr. 2014.

134 |

Na atual configuração do webjornalismo, podemos observar algumas características que são marcantes na mídia. John Pavlik (2001), no início do século, defendia que o jornalismo on-line seria uma espécie de ‘jornalismo contextualizado’, graças à suas especificidades. No Brasil, Luciana Mielniczuck (2003) percebe seis aspectos característicos do webjornalismo em fase plena (ou de terceira geração), entre eles, a memória, defendida por Marcos Palacios (2002, 2003) como uma das únicas que possui uma ruptura em relação ao meio anterior, tendo em vista que todos os elementos já existiam, mas apenas se desenvolveram como potencialidades e continuações. Palacios (2002, 2003, 2008) define essa memória como múltipla, instantânea e cumulativa, por permitir acesso aos formatos midiáticos, porque pode ser recuperada rapidamente, pela facilidade e pelo baixo custo de estocagem de materiais, ganhando evidência, sobretudo, com a convergência. Palacios e Ribas (2011) produzem uma ficha de análise a fim de permitir uma avaliação qualitativa da memória no jornalismo digital, a partir de aspectos estáticos, dinâmicos e inovações. A memória pode aparecer por meio de alguns recursos, como *hiperlink*, republicação (ver Figura 3), sistema de busca e *tags*, além das

reminiscências contidas e imbricadas na tessitura do próprio texto, em produções cotidianas, especiais ou de arquivo – ver Figura 4.

FIGURA 3 – REPLUBICAÇÃO DE VÍDEOS NA SEÇÃO *BAÚ DO ESPORTE DO GLOBO ESPORTE*



Fonte: BAÚ do esporte. **Globo Esporte**, 13 abr. 2014. Disponível em: <<http://globoesporte.globo.com/bau-do-esporte>>. Acesso em: 13 abr. 2014.

135

FIGURA 4 – *ESTADÃO* DIGITALIZA TODO O CONTEÚDO DO SEU JORNAL IMPRESSO



Fonte: ACERVO do Estadão. **Estadão**, 15 abr. 2014. Disponível em: <<http://acervo.estadao.com.br/>>. Acesso em: 15 abr. 2014.

A internet traz, em si, uma alta possibilidade de indexação e armazenamento de conteúdos, sendo acessível rápida e facilmente, além de realizar esse processo de modo mais econômico – baixo custo para manter os arquivos –, mais eficaz – toda publicação já está virtualmente salva e acessível e

Memória como critério de qualidade no jornalismo: apontamentos sobre instituição e organização

podemos aceder ao conteúdo de quaisquer lugares e espaços, sobretudo em época de computação em nuvem (*cloud computing*) – e menos deteriorável – os documentos não se desgastam a cada acesso e ‘manuseio’, apesar das novas dificuldades introduzidas quanto à segurança de dados, necessidade de atualizações tecnológicas constantes dos suportes de armazenamento, dentre outras. A memória adquire novas especificidades no ciberespaço, exigindo maior eficiência na recuperação e na preservação de conteúdos, tendo em vista que se aloja em um ambiente propício para a retroalimentação e o desenvolvimento de novos materiais por processos de combinação e mixagem – ver Figura 5.

FIGURA 5 – MATÉRIA NO *ESTADÃO* TRAZ LINKS PARA CONTEÚDOS ANTIGOS

1964
Choque entre 2 visões de Brasil

O conflito, que refletia a divisão do mundo entre capitalismo e comunismo, fermentava desde o início da década, ganhou as ruas e teve seu desfecho com a intervenção militar
28 de março de 2014 | 14h 27

Notícia 33 15 A+ A-

Enviar | Recomendar (133) | Compartilhar (6) | 5+1 | Tweet (59)

Lourival Sant'Anna* - O Estado de S. Paulo

É quase sempre arbitrária e discutível a definição do momento desencadeador de um acontecimento histórico. A tentação é grande de retroceder um pouco mais na busca do ponto de inflexão, do fato definidor. Com o golpe de 64 não é diferente. Mas talvez não seja possível entender aquele ambiente sem recuar pelo menos até a ascensão de Getúlio Vargas em 1930 e a implantação de seu Estado Novo (1937-45). Naquele período, o ditador populista e autoritário encarnou a figura paterna com que tanto sonham, do Descobrimento até hoje, gerações sucessivas de brasileiros, que se sentem desamparados sem um provedor, seja um senhor de escravos, imperador, marechal, coronel ou governante, ao mesmo tempo implacável, benevolente, poderoso.

NOTÍCIAS RELACIONADAS

- Veja o especial "1964" completo
- Brasil definiu em 64 seu alinhamento na Guerra Fria
- BC não vê inflação convergir para a meta antes de 2 anos
- Briga de jovens deixa 2 feridos no Complexo da Maré
- Bolsas de NY fecham em forte alta puxadas pelo Fed

Getúlio saiu e voltou. Retomado o ciclo dos governos democráticos, foi antecedido e sucedido por presidentes mais ou menos liberais e carismáticos. Mas seu suicídio em 1954 e sua carta-testamento selaram de forma quase mágica o papel do pai austero e protetor. Ao eleger Juscelino Kubitschek em 1955, os brasileiros buscaram uma resposta mais racional para os seus anseios. JK governava com "planos de meta", que resultaram na industrialização e na interiorização do País, por meio de rodovias e da construção de Brasília. Mas o apego popular ao getulismo ficou manifesto na eleição do vice, João Goulart, ministro do Trabalho e herdeiro político de Getúlio, que teve mais votos que Juscelino.

Fonte: SANT'ANNA, Lourival. Choque entre 2 visões de Brasil. **Estadão**, São Paulo, 28 mar. 2014. Disponível em: <<http://www.estadao.com.br/noticias/nacional,choque-entre-2-visoes-de-brasil,1146312,0.htm>>. Acesso em: 15 abr. 2014.

Ainda no contexto de produção webjornalística, Suzana Barbosa (2008, 2009) e António Fidalgo (2004) apontam a base de dados como um de seus diferenciais, sendo uma das suas funções permitir uma maior ‘contextualização’

das informações jornalísticas, tendo em vista que o jornalismo em base de dados proporciona uma integração entre todos os processos de construção de notícia, facilitando a gestão, a recuperação e a apresentação dos conteúdos, em outras palavras, estrutura “a atividade jornalística em suas dimensões de pré-produção, produção, disponibilização/circulação, consumo e pós-produção.” (BARBOSA, 2008, p. 2). Com um jornalismo assente em base de dados, as informações são mais facilmente recuperadas pelos consumidores da informação, agregando ‘contexto’ e ‘aprofundamento’ ao material. “No jornalismo assente em base de dados, a resolução semântica aparece consubstanciada na própria notícia, já que se apresenta de forma *contextualizada*, e que vai sendo sucessivamente pormenorizada, complementada e corrigida.” (SÁ, 2011, p. 186, grifo nosso).

5 PARA CONCLUIR

A memória adquire uma dupla função importante nos estudos de qualidade, seja perpassando os estudos sem que a expressão seja empregada – substituída por palavras como ‘ampliação’, ‘aprofundamento’, ‘*background*’ e ‘contextualização’ –, ou agora especificamente no webjornalismo, quando ganha um lugar de destaque perante as outras características.

No Brasil, um dos principais jornais que trabalham de forma eficiente com a memória na internet é o *Estadão*. O jornal possui uma página própria para isso, denominada *Acervo do Estadão*², que funciona semelhante a qualquer editoria ou seção do site, sendo, inclusive, atualizada diversas vezes durante o dia. Ao acessá-la, algumas matérias aparecem em primeiro plano, seguidas de alguns ‘Tópicos do Acervo’, que guiam para uma página que debate algum fenômeno noticiado por um jornal do Grupo Estado, cujo conteúdo é digitalizado e posto na íntegra na internet. Há ainda um local destinado às edições anteriores do *O Estado de S. Paulo*, desde quando se denominava *A Província de São Paulo*. Abaixo do cabeçalho da página, há um sistema de busca específico – em que se pode procurar “em todo o acervo”,

² Página do *Acervo do Estadão*. Disponível em: <<http://acervo.estadao.com.br/>>. Acesso em: 26 de outubro de 2013.

Memória como critério de qualidade no jornalismo:

apontamentos sobre instituição e organização

“somente capa” ou “somente material censurado” – para o acervo do jornal e um aplicativo para ver a edição do jornal desde a sua criação.

No topo da página principal da seção *Acervo* do *Estadão* há seis páginas: ‘Páginas da história’, ‘Páginas censuradas’, ‘Tópicos’, ‘Personalidades’, ‘Notícias’ e ‘História do grupo’. No primeiro endereço, navegamos década a década pelos acontecimentos importantes no Brasil e no mundo, de acordo com as publicações do jornal. No segundo, acessamos as matérias censuradas de *O Estado de S. Paulo*, entre 1972 e 1975. A seção ‘Tópicos’ traz momentos da história brasileira e mundial que haviam sido noticiados pelo jornal do Grupo Estado, com conteúdo digitalizado e disponibilizado na íntegra. Em ‘Personalidades’, há um vasto número de indivíduos importantes e célebres para a cultura brasileira – embora haja uma ou outra celebridade estrangeira –, desde políticos a jornalistas, esportistas, acadêmicos, entre outros.

Reportagens atuais baseadas em arquivos do jornal podem ser encontradas na página ‘Notícias’, como a discussão sobre a manifestação religiosa na cédula do Real³ – existe uma reportagem fazendo um recente histórico em torno do tema, trazendo uma publicação de 1994 do jornal – ou mesmo o massacre em Newtown⁴, nos Estados Unidos. O *Facebook* do *Arquivo Estado* (ver Figura 6) e o *twitter* do *Acervo* do *Estadão* (ver Figura 7) indicaram para a matéria do *Acervo* que traz vários exemplos semelhantes, desde 1966, no Texas, perpassando pelo famoso caso Columbine, em 1999 – ambos nos EUA – até o caso brasileiro de Realengo, em 2011, entre outras situações dos dois países e de outros, como Finlândia, Japão e Rússia.

³ *Cédula sem 'Deus' vale até R\$ 2.800.* Disponível em: <<http://acervo.estadao.com.br/noticias/acervo,cedula-sem-deus-vale-ate-r-2800,7291,0.htm>>. Acesso em: 8 dez. 2013.

⁴ *Tiroteio deixa 20 crianças mortas em escola primária dos EUA.* Disponível em: <<http://www.estadao.com.br/noticias/internacional,tiroteio-deixa-20-criancas-mortas-em-escola-primaria-dos-eua,973776,0.htm>>. Acesso em: 14 dez. 2013.

FIGURA 6 – FACEBOOK DO ARQUIVO ESTADO INDICANDO MATÉRIA DO ACERVO



Fonte: DO TEXAS a Realengo. **Facebook Arquivo Estadão**, 14 dez. 2012. Disponível em: <https://www.facebook.com/arquivoestado/photos/a.182709175098446.32618.182256521810378/459686757400685/?type=1&stream_ref=10>. Acesso em: 15 abr. 2014.

FIGURA 7 – TWITTER DO ACERVO DO ESTADÃO GUIANDO PARA MATÉRIA NO SITE




Fonte: TRAGÉDIAS insanas. **Twitter Acervo Estadão**, 14 dez. 2012. Disponível em: <<https://twitter.com/EstadaoAcervo/status/279664583520698368>>. Acesso em: 15 abr. 2014.

A qualidade jornalística pode ser avaliada, portanto, através de diversas perspectivas, como as características do meio, o conteúdo do produto midiático, a sua adequação às exigências da instituição jornalística, o interesse (do) público, a defesa aos direitos humanos e sociais, dentre outras. Nessa seara, percebemos que a memória parece ser um aspecto recorrente no estudo

Memória como critério de qualidade no jornalismo:

apontamentos sobre instituição e organização

da qualidade do jornalismo, ainda que muitas vezes o termo não seja empregado. 

REFERÊNCIAS

BARBOSA, Suzana. Modelo JDBD e o ciberjornalismo de quarta geração. In: VIVAR, Jesus; RAMIREZ, Francisco (Org.). **Periodismo Web 2.0**. Madrid: Editorial Fragua, 2009. p. 1-16. (Colección Biblioteca de Ciencias de la Comunicación)

_____. Modelo Jornalismo Digital em Base de Dados (JDBD) em interação com a convergência jornalística. **Textual & Visual Media**, Madrid, n. 1, p. 87-106, 2008. Disponível em: <http://www.textualvisualmedia.com/images/revistas/01/04_barbosa.pdf>. Acesso em: 15 abr. 2014.

BENEDETI, Carina. **A qualidade da informação jornalística**: do conceito à prática. Florianópolis: Insular, 2009.

CERQUEIRA, Luiz. **Qualidade jornalística**: ensaio para uma matriz de indicadores. Brasil: Unesco, 2010. (Série Debates CI, n. 6).

CHARAUDEAU, Patrick. **Discurso das mídias**. São Paulo: Contexto, 2006.

CHRISTOFOLETTI, Rogério. Concentração de mídia e qualidade do noticiário no sul do Brasil. In: _____ (Org.). **Vitrine e vidraça**: crítica de mídia e qualidade no jornalismo. Covilhã: LabCOM, 2010, p. 127-138.

FIDALGO, António. Sintaxe e semântica das notícias online: para um jornalismo assente em base de dados. In: LEMOS, André et al. (Orgs.). **Mídia.Br**: livro da XII Compós 2003. Porto Alegre: Sulina, 2004. p. 1-9.

FRANCISCATO, Carlos. **A atualidade no jornalismo**: bases para sua delimitação teórica. 2003, 336 f. Tese (Doutorado em Comunicação e Cultura Contemporâneas) – Universidade Federal da Bahia, Salvador, 2003.

GENRO FILHO, Adelmo. **O segredo da pirâmide**. Para uma teoria marxista do jornalismo. Porto Alegre: Tchê!, 1987.

GUERRA, Josenildo. Avaliação de qualidade jornalística: desenvolvendo uma metodologia a partir da análise da cobertura sobre segurança pública. In: CHRISTOFOLETTI, Rogério (Org.). **Vitrine e vidraça**: crítica de mídia e qualidade no jornalismo. Covilhã: LabCOM, 2010a, p. 153-171.

_____. Instituição e organização jornalística: uma distinção conceitual. In: CONGRESSO BRASILEIRO DE CIÊNCIAS DA COMUNICAÇÃO, 28., 2005, Rio de Janeiro. **Anais eletrônicos...** Rio de Janeiro: INTERCOM, 2005. Disponível em: <<http://www.intercom.org.br/papers/nacionais/2005/resumos/R1725-1.pdf>>. Acesso em: 15 abr. 2014.

_____. O nascimento do jornalismo moderno. Uma discussão sobre as competências profissionais, a função e os usos da informação jornalística. In: CONGRESSO BRASILEIRO DE CIÊNCIAS DA COMUNICAÇÃO, 26., 2003, Belo Horizonte. **Anais**

eletrônicos... Belo Horizonte: INTERCOM, 2003. Disponível em: <<http://www.portcom.intercom.org.br/pdfs/167629680582323974316910221745759002955.pdf>>. Acesso em: 15 abr. 2014.

_____. Sistema de gestão de qualidade aplicado ao jornalismo: possibilidades e diretrizes. **E-Compós**, Brasília, v. 13, n. 13, p. 1-16, set./dez. 2010b. Disponível em: <<http://www.compos.org.br/seer/index.php/e-compos/article/viewFile/470/457>>. Acesso em: 15 abr. 2014.

_____. **Sistema de gestão da qualidade aplicado ao Jornalismo**: uma abordagem inicial. Brasil: Unesco, 2010c. (Série Debates CI, n. 5).

JONCEW, Consuelo. **A participação das fontes formais na qualificação da notícia**. 2005, 310 f. Tese (Doutorado em Ciência da Informação) – Universidade Federal de Minas Gerais, Belo Horizonte, 2005.

LE GOFF, Jacques. **História e memória**. 7. ed. Campinas-SP: Unicamp, 2013.

LIMA, Renato de. A qualidade da informação do jornalismo online. **Biblioteca On-line de Ciências da Comunicação**, 2010. Disponível em: <<http://www.bocc.ubi.pt/pag/bocc-lima-webornalismo.pdf>>. Acesso em: 15 abr. 2014.

MEDINA, Cremilda. **Notícia**: um produto à venda, 6. ed. São Paulo: Summus Editorial, 1988.

MIELNICZUK, Luciana. **Jornalismo na web**: uma contribuição para o estudo do formato da notícia na escrita hipertextual. 2003, 246 f. Tese (Doutorado em Comunicação e Cultura Contemporâneas) – Universidade Federal da Bahia, Salvador, 2003.

PALACIOS, Marcos. A memória como critério de aferição de qualidade no ciberjornalismo: alguns apontamentos. **Revista FAMECOS**, Porto Alegre, v. 37, p. 91-100, set./dez. 2008. Disponível em: <<http://132.248.9.34/hevila/RevistaFAMECOS/2008/no37/13.pdf>>. Acesso em: 13 mar. 2014.

_____. Jornalismo online, informação e memória: apontamentos para debate. **PJ:Br - Jornalismo Brasileiro**, São Paulo, n. 4, jul./dez. 2004. Disponível em: <http://www2.eca.usp.br/pjbr/arquivos/artigos4_f.htm>. Acesso em: 13 mar. 2014.

_____. Ruptura, continuidade e potencialização no jornalismo online: o lugar da memória. In: MACHADO, Elias; PALACIOS, Marcos (Orgs.). **Modelos do Jornalismo Digital**. Salvador: Calandra, 2003. p. 1-17.

PALACIOS, Marcos; RIBAS, Beatriz. Ferramenta para análise de memória em cibermeios. In: PALACIOS, Marcos (Org.). **Ferramentas para análise de qualidade no ciberjornalismo**. Covilhã: LabCom, 2011. p. 183-205. (Modelos, v. 1).

PAVLIK, John. **Journalism and new media**. New York: Columbia University Press, 2001.

SÁ, Alberto. **Arquivos dos *media* e preservação da memória**. Processos e estratégias do caso português na era digital. 2011, 328 f. Tese (Doutorado em Comunicação) – Universidade do Minho, Portugal, 2011.

Memória como critério de qualidade no jornalismo:

apontamentos sobre instituição e organização

SCHUDSON, Michael. News and democratic society: past, present, and future. **The Hedgehog Review – Institute for Advanced Studies in Culture**, Charlottesville, v. 10, n. 2, p. 7-21, jun./set. 2008. Disponível em: <http://www.iasc-culture.org/eNews/2009_10/Schudson_LO.pdf>. Acesso em: 13 mar. 2014.

SEIXAS, Lia. Por uma outra classificação: gêneros discursivos jornalísticos e gêneros discursivos jornalísticos. **Revista Galáxia**, São Paulo, v. 9, n. 18, p. 70-84, jul./dez. 2009. Disponível em: <<http://revistas.pucsp.br/index.php/galaxia/article/view/2640>>. Acesso em: 13 mar. 2014.

SILVA, Gislene. Para pensar critérios de noticiabilidade. **Estudos em Jornalismo e Mídia**, Florianópolis, v. 2, n. 1, p. 95-107, jan./jun. 2005. Disponível em: <<https://periodicos.ufsc.br/index.php/jornalismo/article/view/2091>>. Acesso em: 13 mar. 2014.

SOUSA, Jorge Pedro. Qualidade percebida de quatro jornais on-line brasileiros. **Biblioteca On-line de Ciências da Comunicação**, 2001. Disponível em: <<http://www.bocc.ubi.pt/pag/texto.php3?html2=sousa-jorge-pedro-qualidade-online.html>>. Acesso em: 15 abr. 2014.

ZILLER, Joana. **Qualidade da informação e produsage**: semiótica, informação e o usuário antropofágico. 2011, 309 f. Tese (Doutorado em Ciências da Informação) – Universidade Federal de Minas Gerais, Belo Horizonte, 2011.

ZILLER, Joana; MOURA, Maria. Qualidade da informação em portais jornalísticos brasileiros: participação, interatividade e convergência. In: CONGRESSO PANAMERICANO DE COMUNICAÇÃO, 7., 2010, Brasília. **Anais eletrônicos...** Brasília, 2010. Disponível em: <<http://www.joanaziller.com.br/artigos/2010panamericano.pdf>>. Acesso em: 13 mar. 2014.